

O Instituto Millenium na busca por poder

Allana Meirelles Vieira*

<https://orcid.org/0000-0001-9925-8965>

Aline Rodrigues Chiaramonte*

<https://orcid.org/0000-0002-7629-8072>

A expansão dos *think tanks* no Brasil, assim como sua importância para a ascensão da extrema-direita no país, vem sendo anunciada tanto pela imprensa (Flores, 2017; Fang, 2017) quanto por trabalhos acadêmicos (Chaloub & Perlatto, 2015; Rocha, 2015; Alexandre, 2017; Carlotto, 2018; Meirelles & Fernandes, 2019). Descritos de maneira genérica como institutos voltados para a produção de informação com vistas a influenciar a opinião pública e as políticas públicas (Rocha, 2015), os *think tanks* no Brasil passaram de 39, em 2008, para 103, em 2018, segundo o ranking *Global Go To Think Tank* (McGann, 2019). Da 24ª posição mundial, o Brasil passou para a 11ª, nesses dez anos, sendo o segundo país latino-americano no *ranking* da América Latina, atrás apenas da Argentina (com 227 *think tanks*).

Embora esse crescimento tenha sido acompanhado em alguma medida pelo interesse das ciências sociais brasileiras em estudar tais organismos, essas pesquisas ainda são incipientes no país. A maior parte da literatura se concentra na área de ciência política e tem origem estado-unidense¹ (Hey, 2018; Antunes, 2019), haja vista o fato de que foi nesse país que esses institutos se desenvolveram mais fortemente, tendo 1.871 *think tanks* em 2018 (McGann, 2019). Os trabalhos sociológicos que vêm sendo gestados nos últimos anos no Brasil buscam, mormente, compreendê-los

* Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

1. Para acessar essa literatura mais consagrada pelas pesquisas sobre *think tanks*, ver: Medvetz (2012), Pautz (2012).

no seio do campo do poder e mais particularmente em sua relação com as universidades e o campo de produção cultural (Hey, 2018; Hitner; Carlotto, 2017), ou ainda se voltam para a compreensão de uma chamada “nova direita” (Alexandre, 2017; Carlotto, 2018).

Dentre estes últimos, alguns verificam a relação de agentes considerados de direita com certos *think tanks*, entre eles o Instituto Millenium (Imil) (Meirelles & Fernandes, 2019; Meirelles & Chiaramonte, 2018; Messenberg, 2017; Chaloub & Perlatto, 2015; Rocha, 2015), o qual estaria ligado à difusão de ideias liberais (Silveira, 2013; Alexandre, 2017). Aliás, o Millenium é um dos institutos que mantêm parceria com a Atlas Network, uma rede que concentra mais de quinhentos *think tanks* pelo mundo, identificados como liberais ou de direita², e cuja atuação vai no sentido de estimular a criação de novos grupos, contribuir na manutenção dos existentes e homogeneizar os discursos e práticas dos *think tanks* ativistas de direita (Rocha, 2015). Messenberg (2017) aponta, por exemplo, a ligação do Movimento Brasil Livre (MBL) e o Vem pra Rua – dois movimentos que atuaram fortemente em favor do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff – com a Atlas.

Além da rede Atlas, o próprio *Think Tanks and Civil Societies Program* da Universidade da Pennsylvania, que promove o *ranking* de *think tanks* citado acima, além de conferir certo prestígio às instituições, contribui para a formação de redes – o que é, inclusive, um dos objetivos expressos pela instituição em seu *site* (*Think Tanks...*). Foi em 2014 que o Millenium passou a figurar entre os institutos brasileiros no *Global Go To Think Tank* e, em 2018, ocupou o 34º lugar entre os maiores da América Central e do Sul³.

Contudo, a crescente visibilidade e o apontamento do Imil como um importante ator na articulação da direita no Brasil, tanto pela imprensa quanto pelos trabalhos acadêmicos, contrastam-se com o distanciamento que nomes elencados em seu *site* marcam em relação a ele e com a ausência do uso de tal credencial na apresentação desses nomes na imprensa, como será visto ao longo deste trabalho. Diante dessa aparente contradição, adotamos o Millenium como objeto de estudo, com o intuito de traçar a posição que ele ocupa no campo do poder. Sem formular uma caracteri-

2. No Brasil, fazem parte dela, além do Imil: o Instituto Liberdade, o Instituto Atlantos e o Instituto de Estudos Empresariais (IEE), de Porto Alegre; o Instituto Líderes do Amanhã, de Vitória; os Institutos de formação de líderes, de Belo Horizonte, Santa Catarina e São Paulo; o Instituto Liberal e o Livres, do Rio de Janeiro; o Instituto Liberal de São Paulo, o Instituto Ludwig Von Mises Brasil, o Mackenzie Center for Economic Freedom, o Students for Liberty Brasil, de São Paulo.
3. À sua frente, estão os brasileiros: Fundação Getúlio Vargas (em 1º lugar); Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri) (em 3º); Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) (em 8º); o Brics Policy Center (em 11º); a Fundação Fernando Henrique Cardoso (FHC) (em 13º); o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) (em 17º); e o Núcleo de Estudos da Violência (NEV) (em 31º).

zação substancial, buscamos testar a hipótese apresentada em trabalhos como o de Hey (2018), sobre o caráter intersticial da posição dos *think tanks* – ou seja, entre diferentes campos –, algo verificado por Medvetz (2012) nos Estados Unidos. Além disso, a proposta inclui tensionar a literatura acadêmica sobre o Millenium, o discurso que ele constrói para si e os dados levantados na pesquisa, testando a hipótese de que ele produz a crença de uma relevância no campo do poder maior do que de fato detém.

Este trabalho se propõe, então, a responder a seguinte questão: Como o Instituto Millenium busca construir sua legitimidade e, conseqüentemente, desenhar a posição que ocupa e/ou pretende ocupar no campo do poder? Para tanto, partimos das conexões que o Imil estabelece ou busca firmar, considerando os nomes indicados em seu *site* como seus especialistas, convidados e integrantes de suas câmaras internas, levando em consideração as credenciais sociais valorizadas. A partir dessas relações estabelecidas ou pretendidas, buscamos desenhar essa posição ocupada e/ou visada pelo Millenium, o que pode, em alguma medida, contribuir para as pesquisas que vêm sendo realizadas sobre *think tanks* no sentido de melhor entendê-los na teia de relações e lutas sociais que estruturam o campo do poder, indo além de suas formações ou estruturas institucionais – as quais não serão analisadas pormenorizadamente neste trabalho⁴.

O artigo se inicia com uma análise da retórica propalada pelo Imil no momento de sua fundação, indicando as lutas nas quais o instituto investe, e segue discutindo o modo como a identificação ou não dos nomes elencados em seu *site* com o *think tank* demonstra as lógicas de vinculação e construção de sua legitimidade. Posteriormente, a partir dos dados desses agentes coletados no próprio *site* do Imil, assim como em seus currículos *Lattes* e *LinkedIn*, realizamos uma Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), com o intuito de mapear as posições ocupadas por esses agentes no espaço social. Em seguida, com a Análise de Classificação Hierárquica (Análise de Cluster), traçamos quatro principais grupos com os quais o instituto mantém relação. Por fim, retomamos os principais resultados e, por meio dos atributos sociais valorizados pelo Imil, apontamos os jogos e lutas dos quais ele participa, assim como a posição que ele desenha para si.

O Instituto Millenium e a retórica da modernização

Criado em 2005, o Imil nasceu com o propósito claro de ser aquilo que seus fundadores defendiam que faltava ao Brasil: um *think tank* dedicado a difundir as ideias liberais e uma “corrente político-cultural de direita moderna”, fazendo frente ao que

4. Para estudos que abordem tal constituição, ver Silveira (2013); Alexandre (2017).

viam como hegemonia das ideias de esquerda e centro-esquerda no país (Andrade, Viola & Leis, 2005). As propostas e ideias que norteariam a ação do Imil foram divulgadas em 13 de abril de 2005, no jornal *O Estado de S. Paulo*, em um texto escrito por três de seus fundadores – a economista Patrícia Carlos de Andrade; o professor aposentado do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília, Eduardo Viola; e o professor aposentado do Departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina, Héctor Ricardo Leis. No artigo, os autores reverenciam a emergência de um novo ator no debate público em “países desenvolvidos e nos emergentes mais bem-sucedidos”: justamente os *think tanks*.

Observando neles o motor de transformação de outros países, os fundadores do Millenium vislumbraram, em 2005, a possibilidade de mudar os “Rumos do Brasil contemporâneo” – tal como foi tematizado o lançamento do instituto. Para assistir a palestras – entre elas, a de Paulo Guedes, hoje ministro da Economia do governo de Jair Bolsonaro –, reuniram-se, à época, no Rio de Janeiro, “um grupo de 25 debatedores – intelectuais, economistas, empresários, jornalistas, políticos, membros e ex-membros da alta administração federal” (*Ibidem*). Assim foi apresentado o então chamado Instituto de Estudos da Realidade Nacional no texto publicado no *Estadão*, antevendo o que seria o perfil social dos mais de 250 nomes elencados no *site* do Instituto Millenium.

Entre esses diferentes atores sociais, a um grupo é dada atenção especial: os empresários. Como os fundadores do Imil argumentaram no manifesto de lançamento do instituto, um componente especial seria necessário para “mudar os rumos da sociedade”:

[...] a visão de longo prazo da classe empresarial e seu comprometimento com o futuro de seu país. Os empresários formam o único grupo capaz de dar o suporte financeiro necessário para a existência de um *think tank*. Por meio de apoio às iniciativas do empreendimento, de patrocínio, de encomendas de pesquisas e cursos, de doações diretas, são fundamentais para atrair e manter equipe de profissionais altamente qualificados, apta a produzir debates, artigos, livros, documentos destinados a grupos de influência específicos, com linguagem acessível e atraente e, ao mesmo tempo, calcados em conhecimento sólido da tradição e da modernidade do pensamento ocidental (*Ibidem*).

Para além do suporte econômico dado diretamente ao *think tank*, os empresários ocupam um papel central na articulação desse campo de forças da direita, destinado a combater o que seriam os “obstáculos ao crescimento e à modernização do país”, haja vista seu poder de *lobby* na definição das políticas públicas, a partir dos financiamentos de campanha, de empresas de comunicação e de setores da educação

(Michetti, 2018). Assim, mesclando “intelectuais e empresários” (Andrade, Viola & Leis, 2005) – como é apresentada a composição do Instituto Millenium em seu *site* oficial –, o Imil não inaugura, mas reforça uma modalidade de atuação intelectual que faz questão de fundir produção intelectual e atividade empresarial. Dessa maneira, afasta-se da histórica busca por autonomia em relação aos poderes econômicos e políticos que marcou o desenvolvimento do campo intelectual (Pinheiro, 2011; Pinto, 2009; Sapiro, 2009), ainda que essa autonomia tenha sido sempre envolta por disputas acerca do seu sentido e de sua prática.

Se, em sua formação, as ambições do instituto pareciam muito mais grandiosas, como deixa transparecer a citação acima, com o passar dos anos, suas ações foram sendo direcionadas para um caminho específico. Segundo um integrante da Câmara de Fundadores e ex-presidente do Conselho de Governança do Imil:

Aí um pouco de filosofia da coisa: o *think tank* do século XXI é meio que um *site*. Não é mais como era no século XX, o grande *think tank*, o exemplo mais poderoso de todos aqui no Brasil é a Fundação Getúlio Vargas. O *think tank* do século XXI não tem aquele orçamento, não tem esses prédios. Ele é um *site*, ele exerce sua função distribuindo conteúdo, mais do que financiando a produção de conteúdo. Essa reinvenção do Millenium nesse formato virtual foi muito importante para tornar o Millenium muito influente, com um orçamento muito pequenininho, o que impressionou muito nossos mantenedores – porque com investimento pequeno, a gente conseguia ter uma influência muito grande (Integrante da Câmara dos Fundadores, 2019).

Desse modo, como Silveira (2013) já apontou, o Imil funciona sobretudo como um veículo de divulgação de ideias, atuando principalmente como reprodutor de textos publicados na imprensa ou em outros canais, e eventualmente produzindo algum conteúdo midiático, como *podcasts* e vídeos. A atuação primordial na internet é complementada por seminários em universidades públicas e privadas – no *site*, constam 145 edições do chamado “Imil na Sala de Aula” – e por palestras proferidas nas redações jornalísticas ou abertas ao público. É interessante ressaltar que, embora a atuação do Imil não tenha se baseado prioritariamente na produção de estudos para influência em políticas públicas – aproximando-se dos chamados *think tanks* ativistas (Rocha, 2015) ou militantes (Silveira, 2013) –, em 2019 o instituto inaugurou o “Millenium Analisa”, publicando dois estudos com os seguintes títulos: “Previdência, setor público, pobreza e desigualdade” e “Educação e desenvolvimento – A formação do capital humano no Brasil”. Além disso, lançou, em 2018, o “Millenium Fiscaliza”, com o intuito de acompanhar os gastos públicos no Brasil. Soma-se a essas formas de atuação a autoria de campanhas como a #ApoieaReforma, da qual são coautores

(Imil, 2019), cuja proposta era influenciar a opinião pública em favor da Reforma da Previdência.

Os membros do Imil e a construção de sua legitimidade

Em entrevista, um dos economistas elencados no *site* como integrante afirmou não ser possível identificar exatamente quem são os membros do Imil, confirmando os argumentos de Silveira (2013) de que basta ter participado de algum evento para ser inserido no rol de especialistas e convidados do instituto. Tais nomes, além disso, não se apresentam nos canais da imprensa como especialistas do Millenium (Silveira, 2013), mobilizando, por outro lado, credenciais mais legitimadas.

Em entrevistas realizadas em 2019 com alguns nomes apresentados no *site* do Imil⁵, apenas um deles, quando perguntado sobre a participação em *think tanks*, apontou ligação efetiva com o Millenium. Os outros, ao serem questionados sobre tal vínculo, fizeram questão de marcar a frouxidão de tal relação e até mesmo um certo distanciamento:

Supostamente sim [participo do Imil]. Na prática, eu não sei nem onde fica. Eu sei que eles publicam meus textos; ocasionalmente, alguém procura o Instituto Millenium porque está me procurando, mas assim, dizer que eu participo mesmo, não. [...]. Nunca tive muito envolvido com isso não, mas acho que ninguém está exatamente envolvido. Sei lá, talvez, alguém esteja, mas não é meu caso (Economista elencado no *site* do Millenium, 2019).

Eu não tenho nada contra o Instituto Millenium e sou muito satisfeito que eles ponham lá minhas colunas e gosto do Instituto. Não sinto que sou um sócio participante. Mas eu sou uma pessoa simpática e sempre que eles me pedem alguma coisa, eu participo [...]. Acho que eu tenho uma certa distância do Instituto Millenium, no sentido de que o Instituto Millenium me parece um instituto mais liberal e eu me posiciono mais como social-democrata (Economista elencado no *site* do Millenium, 2019).

5. Tais entrevistas foram realizadas para a pesquisa de doutorado de Allana Meirelles Vieira, cujo tema não é propriamente o do artigo, mas com o qual se relaciona, já que tem como objeto de estudo os colonistas de política e economia do país. Foram entrevistados, assim, articulistas dos principais jornais e revistas do Brasil – como *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *IstoÉ* e *Época* –, entre os quais alguns são nomes elencados no *site* do Millenium. Apresentamos aqui os excertos da entrevista de sete desses colonistas, selecionados com base na relevância de suas falas para ilustrar os argumentos apresentados. Como as entrevistas não foram conduzidas com o objetivo final circunscrito neste trabalho, elas assumem aqui o caráter ilustrativo, não sendo, portanto, exaustivas. Optamos, também por isso, por manter os nomes em sigilo.

O Instituto Millenium, digamos assim, eles pedem para você assinar como membro. De tempos em tempos, eles fazem uma conferência, convidam, se você quer assistir ou se você quer falar. Eu devo ter falado umas duas vezes. Mas nunca me considere membro (Cientista político elencado no *site* do Millenium, 2019).

Eu estive lá, naquela fase de recrutamento de nomes, eu acho que fiquei lá no *site*, associado ao grupo Millenium. Nunca tive um engajamento de participar de reuniões etc. ou colaborar financeiramente, nada a não ser essa atividade mais *pro forma*. Depois, quando passei a ser um participante mais ativo do debate, vez por outra, faziam alguma gravação sobre algum livro que eu lançava. [...] Eles me passam, como eles recebem muita demanda, de vez em quando, eles me passam: “ah, tal instituição solicita uma aula tua sobre...”, e aí, dependendo da agenda, às vezes aceito, às vezes, não (Economista elencado no *site* do Millenium, 2019).

O Instituto Millenium, na verdade, eu digo que não, porque eu não tive ali nenhuma prática de seminários, quer dizer, eles me convidaram, eles pediram para republicar textos meus e, eventualmente, palestrar para públicos deles. E foi isso que eu fiz. Quer dizer, nunca estive. Tanto que, nesses debates aí, às vezes, aparece, né?: “Fulano, do Instituto Millenium”. Acho que isso é uma leitura incorreta, porque não tem essa relação, nunca estive por dentro da instituição, nunca participei de seminários, nada disso (Jornalista elencado no *site* do Millenium, 2019).

Eles põem meu nome lá. [...] Eu fui convidado para dirigir o Instituto Millenium quando foi criado. E, por algumas desavenças internas, eu não aceitei e nunca participei. E aí, ficou o negócio lá do meu nome. Na época, até quem queria que eu assumisse a direção do Instituto foi o Paulo Guedes, hoje ministro da Economia. Mas eu não aceitei. E nunca participei. Mas eles põem meu nome, não sei por quê, gostam do meu nome (Filósofo elencado no *site* do Millenium, 2019).

É interessante notar nas falas dos entrevistados o lugar de mediação que o Imil eventualmente ocupa – e que se esforça em ocupar –, servindo como ponte de contato entre universidades, jornalistas e esses especialistas. Para essas figuras com maior visibilidade e mais dotadas de credenciais sociais legitimadas, essas mediações não parecem, porém, ocupar um papel central no desenvolvimento da carreira ou nas oportunidades de difusão pública de suas ideias. Nesses casos, o Imil é que acaba se beneficiando de uma crescente visibilidade de tais nomes, quando eles aceitam convites para gravar vídeos e proferir palestras. Nessas falas, é possível observar o esforço de se distanciarem das dinâmicas internas, bem como das ideias apresentadas pelo *think tank*. Um dos nomes que aparece como integrante da Câmara de Fundadores no *site* do Imil, embora negue uma participação efetiva, comenta:

Foi um convite feito pela Patrícia Carlos de Andrade [...]. Então, com a Patrícia havia uma convergência de pensamento, quer dizer, o que ela percebia no meu pensamento tinha a ver com o que ela se interessava, digamos. Então, nesse sentido a gente pode dizer que há um ambiente que eu vim a fazer parte, mas com diversas ressalvas, porque tem muitos autores ali, que eu já vi escrevendo coisas das quais eu discordo inteiramente e que levaram também a sua ação para caminhos que têm muito pouco a ver com o meu. Mas posso dizer que a origem foi ali com a Patrícia Carlos de Andrade, que é minha interlocutora até hoje com bastante convergência, e acho que teve também bastante participação do economista Gustavo Franco, [...]. Então, teve a ver também com essa relação com o Gustavo (Jornalista elencado no *site* do Millenium, 2019).

O excerto deixa evidente o jogo de aproximações e distanciamentos entre esses especialistas e jornalistas e o Imil. É por meio da identificação com outras figuras do instituto que eles se aproximam dele, e do repúdio a outras, que eles se afastam. Aliás, a citação acima, bem como a que vem em seguida são indícios do modo como esses *think tanks*, ainda não consagrados, vão ganhando legitimidade, sendo cada vez mais dependentes dos nomes de prestígio e com elevado capital social que deles participam:

Eu sou muito próximo da Elena Landal, uma pessoa que eu gosto muito, que eu respeito muito e confio muito. Elena está ligada àquele grupo do Livres, eu estou no Conselho do Livres; sempre que Elena pede minha participação, eu vou, falo, gravo coisas para o Livres. Sigo em detalhes o Livres? Não sigo... *Helena está lá. Livres é legal* (Economista elencado no *site* do Millenium, 2019, grifo nosso).

Com base na notabilidade dessas pessoas, esses *think tanks* vão tentando construir um capital simbólico, necessário tanto para as lutas que travam no campo do poder quanto para a manutenção de sua própria existência. O trabalho político realizado pelo Millenium destaca as propriedades comuns de agentes sociais com certa notoriedade e/ou poder de influência, para além da diversidade de características que os isolam, dividem e desmobilizam (Bourdieu, 2008, p. 120); assim como marca oposição a outros grupos, como o que seria a esquerda, a centro-esquerda, a universidade pública, os populistas, os estatistas etc. (Andrade, Viola & Leis, 2005).

Para dar ênfase à excelência das formações e credenciais de seus supostos integrantes, algumas estratégias são mobilizadas. Os *experts* são apresentados, nas biografias do *site* do Millenium, como profissionais importantes da sua área de atuação: “Um dos cientistas políticos mais reconhecidos do Brasil” e “Prestigiado jurista brasileiro”. Já os mais destituídos de capital têm em suas minibiografias do *site* descrições como “articulista e especialista do Instituto Millenium”. A pertença ao *think tank*, portanto,

é destacada pelos menos prestigiados – inclusive em outros currículos, como *Lattes* e *LinkedIn* – como forma de velar a escassez de capitais. Há ainda aqueles que criam credenciais para si de maneira a destacar certo conhecimento advindo da prática, como o rapaz que coloca no *LinkedIn* ser formado pela “Escola da Vida”, provavelmente para justificar sua incursão na área de educação, já que possui iniciativas empresariais e um livro publicado sobre a temática. Para esses, é possível supor, os convites do Millenium para a participação em seminários, palestras e vídeos publicados em seu *site* e redes sociais funcionam como trunfo, podendo assim alcançar certa visibilidade e, ao mesmo tempo, legitimidade, por dividirem certos espaços com nomes já consagrados no mundo político, econômico, acadêmico e jornalístico.

Algumas propriedades dos agentes

Um exame realizado no *site* do Imil, em 2019, apontou a presença de 272 nomes⁶, entre aqueles denominados como “especialistas”, “convidados” ou ainda elencados como integrantes da Câmara de Fundadores, do Conselho de Governança, do Conselho Fiscal, do Comitê Gestor e como Mantenedores dos Projetos⁷.

Entre os nomes indicados, algumas características prevalecem: há quase uma exclusividade masculina (com apenas 26 mulheres, ou seja, 9,5% do total de integrantes)⁸; a maior parte é graduada em economia e administração ou direito, em universidades públicas, com doutorado e com o último nível da pós-graduação cursado no exterior. Esses nomes concentram-se, principalmente, no eixo Rio-São Paulo, e também nos estados da região Sul⁹.

Há entre essas figuras, porém, diferenças em termos de capitais e credenciais mobilizados que indicam conseqüentemente variadas posições ocupadas ou vislumbradas no espaço social. Levando em consideração os atributos que essas figuras mencionam em seus currículos e apresentações, preenchemos um banco de dados e aplicamos a ACM¹⁰. Os tipos de capitais e as informações posicionais mais frequentes nesses

6. Não há indicação sobre o período de participação, nem sobre as possíveis funções que esses nomes exercem no instituto.
7. Alguns nomes que compõem os conselhos de direção do Imil não têm suas minibiografias publicadas no *site* do instituto. Assim, os dados foram coletados nos currículos *Lattes* e *LinkedIn* ou em outras fontes, como publicações em jornais e revistas.
8. As mulheres no Brasil equivalem a 51,5% da população. Para fins de comparação, entre os docentes de ensino superior, elas são 45,8% e, entre os discentes, 56,9%. Assim, a desigualdade de gênero dentro do Imil é muito mais acirrada que nas instituições de ensino superior do país.
9. Tal concentração das relações entabuladas pelo Imil segue a concentração regional dos *think tanks* no Brasil, verificada por Hey (2018).
10. Os dados foram coletados ao longo do ano de 2019.

materiais foram nos servindo de base para a elaboração das variáveis e modalidades da ACM, as quais versam sobre propriedades como: 1) capital acadêmico; 2) posição acadêmica; 3) posição no Estado; 4) posição no setor privado; 5) posição na grande mídia. Nos anexos deste trabalho, apresentamos pormenorizadamente os critérios utilizados para construir as categorias analíticas.

Com a ACM¹¹, intentamos compreender os diferentes polos de força com os quais o Imil se relaciona e a partir dos quais busca construir sua legitimidade e sua posição no espaço social. Articulamos os dados sobre a posição que os agentes ocupam em diferentes campos com aqueles referentes aos capitais acadêmicos, indicando como o tipo e o volume de capital se vincula com as diferentes posições no mundo social.

Assim, conseguimos visualizar como essas características sociais se agrupam e se relacionam e que figuras se aproximam ou se distanciam no espaço social. Essa aproximação não diz respeito, porém, à existência de interações reais entre esses indivíduos, mas ao “grau de homogeneidade de suas propriedades sociais” (Klüger, 2018, p. 74). Da mesma forma, a relação entre as características não se baseia em uma causalidade unidirecional, mas em afinidades eletivas entre propriedades e em múltiplas determinações, em uma “complexa estrutura de inter-relações” (*Idem*, p. 81).

A partir da ACM (considerando os gráficos 1 e 2 bem como as tabelas de 1 a 4), é possível traçar algumas relações de oposição: a primeira delas (eixo 1 – horizontal)¹² diz respeito à oposição entre a carreira acadêmica – materializada, principalmente, na realização de pós-doutorado e no exercício da docência em universidades públicas (atributos localizados à direita do gráfico) – e a trajetória no setor privado – principalmente como proprietários de empresas (atributos localizados à esquerda). De um lado, portanto, estão os doutores, cujos diplomas foram conquistados, sobretudo, em universidades públicas ou internacionais; do outro, os que traçaram a carreira no setor privado, não tendo feito pós-graduação ou tendo realizado alguma especialização ou mestrado em instituições de ensino privadas.

A outra oposição evidenciada pela ACM (eixo 2 – vertical) se dá entre a atuação jornalística e a atuação acadêmica conjugada à ocupação de cargos políticos de importância. De um lado, portanto, estão os jornalistas ou profissionais ligados à imprensa, canais de rádio e televisão (abaixo), os quais em geral não se graduaram ou têm apenas a formação em jornalismo; e do outro, estão os altos agentes da bu-

11. Para explicações sobre a técnica, ver: Duval (2005), Klüger (2018), Bertonecelo (2016), Le Roux & Rouanet (2010).

12. A ACM dos dados coletados na pesquisa concentra seu potencial explicativo nos dois primeiros eixos gerados, tendo em vista que eles correspondem a 96,3% da variância total (83,7% no eixo 1, e 12,6% no eixo 2, conforme a taxa modificada de Benzécri), de modo a possibilitar a desconsideração de outros eixos.

rocracia estatal, que também atuam como professores em universidades privadas e, em alguns casos, são ainda donos de empresas e agências de consultoria (acima). Opõem-se assim capital econômico, político e acadêmico *versus* capital midiático.

O que observamos – a partir do tipo e volume de capital que detêm – é que os mais dominados são aqueles que não dispõem de credenciais acadêmicas, não possuindo postos no Estado ou cargos de importância econômica, valendo-se consequentemente apenas da atuação jornalística. Por outro lado, os mais dominantes são os que construíram uma trajetória acadêmica conjugando-a com atividades econômicas no setor privado e com postos – sobretudo de indicação política – no interior do Estado. No meio termo, estão aqueles que, dominantes economicamente – pois donos de empresas, agências de consultoria, escritórios de advocacia etc. –, são relativamente dominados academicamente, com poucas credenciais universitárias.

TABELA 1
Modalidades ativas com maior contribuição para o Eixo 1

MODALIDADE	PESO	CORDENADA	CONTRIBUIÇÃO
Dono/Consultoria+	155,000	-0,637	11,0
SetorPrivado+	174,000	-0,582	10,3
Dono/Consultoria-	117,000	0,844	14,6
SetorPrivado-	98,000	1,033	18,3
Docência-Pública	49,000	1,136	11,0
Pós-doutorado+	34,000	1,624	15,7

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados fornecidos pelo SPAD.

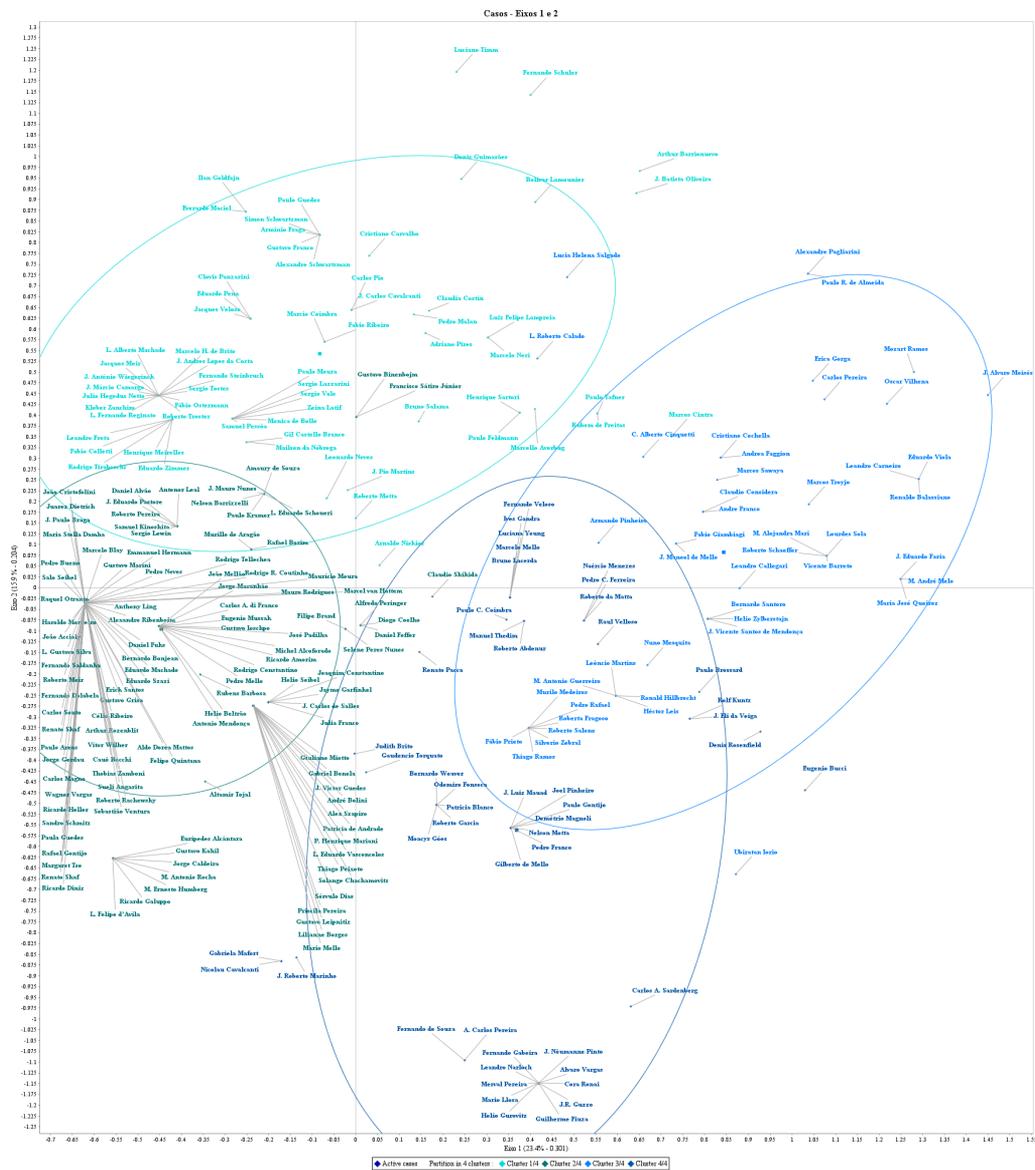
TABELA 2
Modalidades ativas com maior contribuição para o Eixo 2

MODALIDADE	PESO	COORDENADA	CONTRIBUIÇÃO
Imprensa+	33,000	-1,645	23,0
Docência-	157,000	-0,513	10,7
Pós-doutorado+	34,000	0,897	7,0
Docência-Privada	66,000	1,008	17,3
ServiçoPúblico-Importância++	47,000	1,016	12,5

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados fornecidos pelo SPAD.

GRÁFICO 1

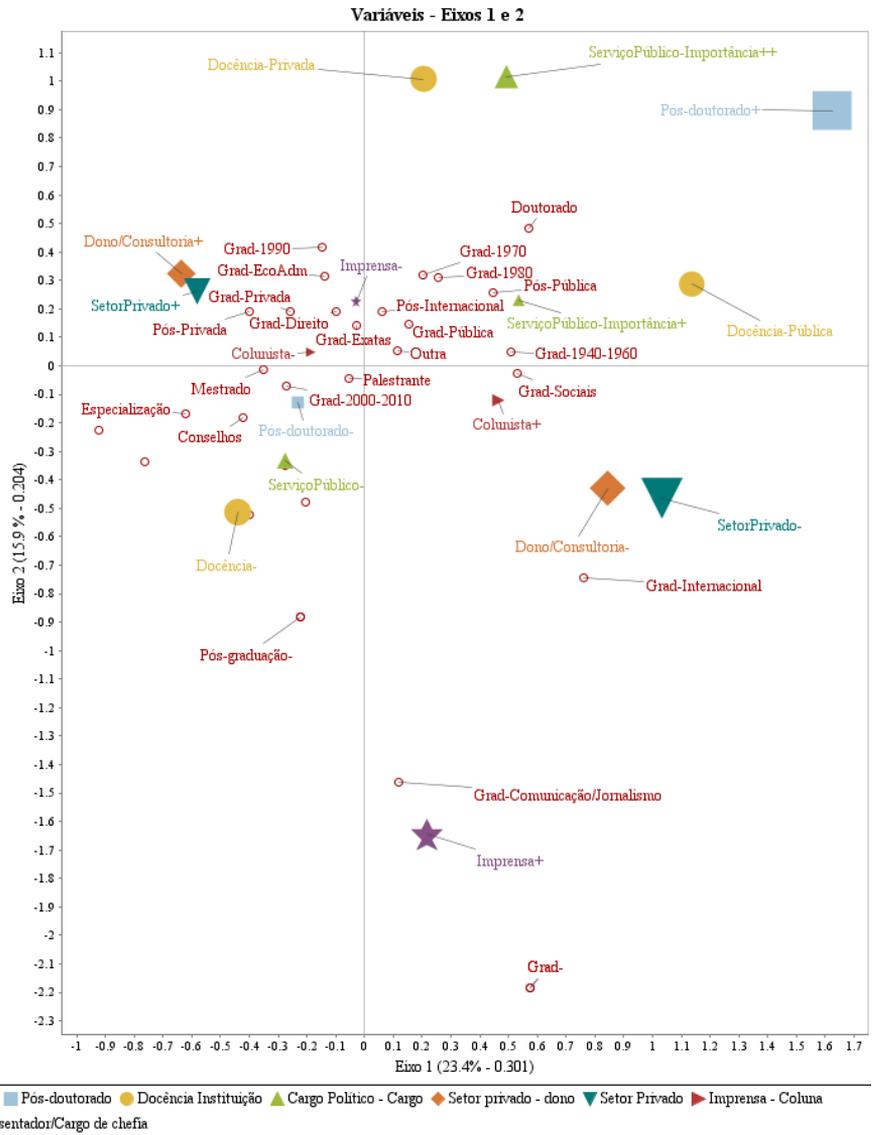
Nuvem de casos – eixos 1 e 2.



Fonte: Elaboração própria, com auxílio da ferramenta SPAD.

GRÁFICO 2

Nuvem de modalidades ativas e suplementares.



Fonte: Elaboração própria, com auxílio da ferramenta SPAD.

TABELA 3
Modalidades ativas com menor contribuição para o Eixo 1

MODALIDADE	COORDENADA	CONTRIBUIÇÃO
Docência-Privada	0,205	0,5
ServiçoPúblico-Importância+	0,535	2,4
ServiçoPúblico-Importância++	0,493	2,0
Colunista+	0,465	2,9
Imprensa+	0,216	0,3
Pós-doutorado-	-0,232	2,2
Docência-	-0,441	5,3
ServiçoPúblico-	-0,276	2,4
Colunista-	-0,187	1,2
Imprensa-	-0,030	0,0

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados fornecidos pelo SPAD.

TABELA 4
Modalidades ativas com menor contribuição para o Eixo 2

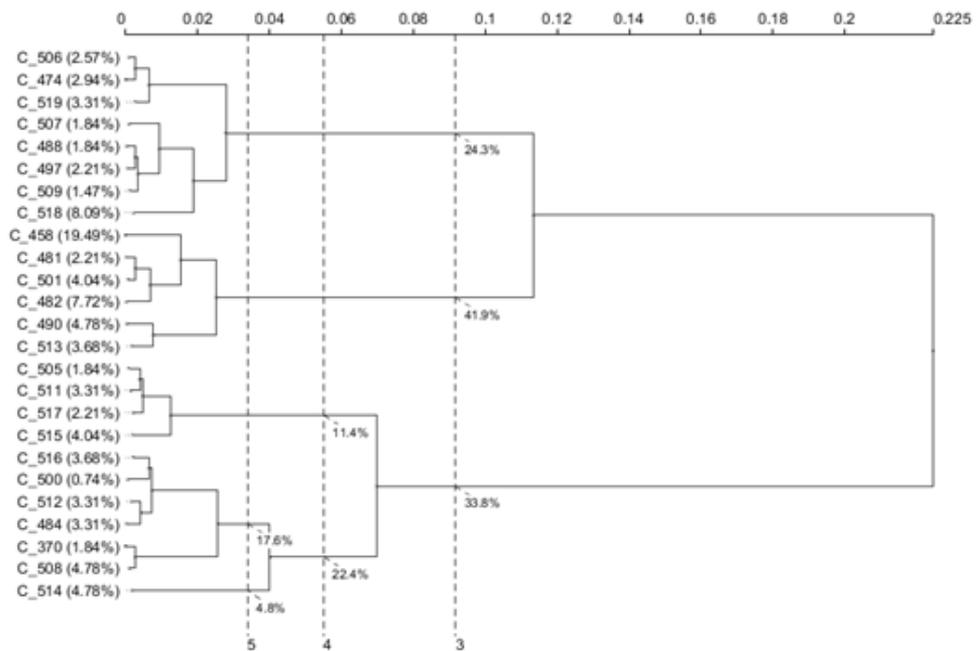
MODALIDADE	COORDENADA	CONTRIBUIÇÃO
Docência-Pública	0,287	1,0
ServiçoPúblico-Importância+	0,231	0,7
Dono/Consultoria+	0,324	4,2
SetorPrivado+	0,262	3,1
Colunista-	0,049	0,1
Imprensa-	0,227	3,2
Pós-doutorado-	-0,128	1,0
ServiçoPúblico-	-0,332	5,0
Dono/Consultoria-	-0,429	5,5
SetorPrivado-	-0,465	5,4
Colunista+	-0,121	0,3

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados fornecidos pelo SPAD.

As linhas de força do Instituto Millenium

A partir da Análise de Classificação Hierárquica, aplicada à ACM, é possível visualizarmos quatro grupos (ou, no jargão da técnica, quatro *clusters*) principais com os quais o Millenium estabelece conexões. A técnica permite reunir aqueles que possuem características mais similares, de modo a “garantir maior homogeneidade interna a cada *cluster* e maior heterogeneidade entre eles” (Bertoncello, 2016, p. 17). Cada um desses *clusters* é, então, caracterizado com base em suas características mais predominantes e está representado no gráfico 1 por meio de elipses, as quais têm maior concentração quanto maior é a proximidade entre os agentes que a compõem (Klüger, 2018, p. 91). O dendograma abaixo é uma representação gráfica da hierarquia das partições, demonstrando o número de *clusters* possíveis (o qual é equivalente ao número de ramificações cortadas, podendo, portanto, ser três, quatro ou cinco neste caso). Na análise aqui empreendida, decidimos reter quatro *clusters* – inclusive, por sugestão da ferramenta SPAD, utilizada no processamento dos dados –, garantindo, assim, que a variância interna de cada um fosse menor do que a variância entre eles (como pode ser observado na figura 1 e na tabela 5), bem como mantendo a pertinência sociológica.

FIGURA 1
Dendograma da Análise de Classificação Hierárquica



Fonte: Dendograma gerado pela ferramenta SPAD.

TABELA 5

Dados da Análise de Classificação Hierárquica – Informações sobre os clusters

CLUSTER	ANTES DA CONSOLIDAÇÃO			DEPOIS DA CONSOLIDAÇÃO ¹³		
	Número	Porcentagem	Inércia	Número	Porcentagem	Inércia
1	66	24,265	0,085	63	23,162	0,071
2	114	41,912	0,061	115	42,279	0,059
3	31	11,397	0,030	46	16,912	0,054
4	61	22,426	0,097	48	17,647	0,060
Total	272	100,000	0,273	272	100,000	0,245

Fonte: Dados gerados pela ferramenta SPAD.

TABELA 6

Dados consolidados da Análise de Classificação Hierárquica – Indicadores de qualidade

NOME	ANTES DA CONSOLIDAÇÃO	DEPOIS DA CONSOLIDAÇÃO
Varição intracluster	0,273	0,245
Varição entre clusters	0,408	0,436
Taxa entre variância (η^2)	59,910	64,074
Calinski-Harabasz (pseudo F) criterion	133,500	159,329
Davies-Bouldin's index	1,086	0,990

Fonte: Dados gerados pela ferramenta SPAD.

Levando em consideração as propriedades com maior e menor recorrência em cada um dos grupos formados (Quadros 1-7), podemos denominá-los da seguinte maneira: os empresários, empreendedores e executivos – presentes no *cluster 2*; os professores burocratas – presentes no *cluster 3*; os jornalistas – presentes no *cluster 4*; e a elite econômica e política – presentes no *cluster 1*. As próximas seções deste artigo dedicam-se a detalhar o perfil e as formas de atuação de cada um desses grupos, apresentando-os na ordem citada aqui, qual seja, começando pelo *cluster 2*, passando pelo 3 e pelo 4, até chegar ao *cluster 1* – esta opção se deve ao fato de, no *cluster 1*, os agentes concentrarem recursos dos outros três *clusters*, de modo que nos parece mais adequado finalizarmos a caracterização com o mesmo.

13. Segundo o guia da ferramenta SPAD, utilizada para a elaboração das análises, “a consolidação significa reatribuir os elementos de um *cluster* ao outro a que eles estão mais próximos a fim de melhorar a homogeneidade interna dos *clusters*. O processo é feito a partir de sucessivas interações usando o algoritmo ‘centro móvel’. Os centros móveis são inicialmente os centros de gravidade dos *clusters* obtidos cortando a árvore [dendograma]. Os centros mudam quando os casos vão de um *cluster* para outro” (Coheris-Spad, 2018, p. 16). Como pode ser observado ao longo do texto, os dados utilizados foram aqueles resultantes da consolidação.

Os empresários, empreendedores e executivos

Representando a maior parte dos integrantes do Imil, com 115 nomes (42,27%), o *cluster 2* é formado por sócios proprietários, funcionários de alto escalão e jovens empreendedores. Dentre eles, há desde nomes como Jorge Gerdau – de 83 anos, herdeiro do Grupo Gerdau, empresa siderúrgica brasileira, com operações em onze países e a 14ª maior produtora de aço do mundo –, até empreendedores novatos, como João Cristofolini – que se apresenta no currículo *LinkedIn* como fundador de mais de sete negócios –, passando por executivos de grandes empresas e bancos, como Mario Mello – que foi vice-presidente executivo da Visa e do Banco Safra.

Os nomes que foram classificados como *Dono/Consultoria+* na ACM referem-se aos sócios proprietários de agências de consultoria, as quais variam entre assessoria econômica e política para governos, políticos e grandes empresas, até serviços de gestão voltados para a criação e a sustentação de *startups* e novos negócios. Os capitais sociais, acadêmicos, políticos e econômicos – acumulados a partir das formações acadêmicas, das experiências no mundo dos negócios e na administração pública, das circulações em espaços de poder e decisão, das redes de contato estabelecidas dentro dos grupos de elite – confluem para a legitimação desses consultores enquanto figuras capazes de traçar diagnósticos e soluções para os problemas do país – quanto mais elevada é a posição que ocupam na hierarquia social – ou das empresas – com uma proporcionalidade entre o tamanho delas e a posição ocupada pelo consultor na hierarquia social. Há, portanto, entre esses consultores e seus públicos uma homologia estrutural.

É interessante notar que os consultores com maior capital acumulado – acadêmico, político e econômico – situam-se no *cluster 1* – ou seja, entre a elite econômica e política –, apesar de também serem donos de empresas de consultoria (modalidade, *Dono/Consultoria+* sobrerrepresentada no *cluster 2*). Isso porque no *cluster 2*, que analisamos nesta subseção, predominam os nomes que possuem a especialização como grau máximo ou nenhuma pós-graduação, assim como as modalidades indicadoras de capital acadêmico – como doutorado, pós-doutorado, exercício da docência em universidades públicas e privadas – e de capital político – como a passagem por cargos no serviço público, especialmente os de maior importância – são pouco frequentes nesse grupo. É justamente esse grupo que tem maior atuação nos conselhos e câmaras internos do Imil¹⁴. Além disso, são menos frequentes aqui os nomes que atuam como colunistas ou comentaristas.

14. Deve-se ressaltar que os dados sobre a participação interna foram coletados no *site* do instituto, podendo conter alguns desvios, dada a divergência entre as informações disponibilizadas no *site* e as declarações feitas por alguns entrevistados que constam neste trabalho.

Quadro 1
Modalidades ativas sobre-representadas (azul) e sub-representadas (laranja) no cluster 2

Characterization by the categories of categorical variables
 Of the partition - Partition in 4 clusters - Cluster 1/4 (Count = 63 Percentage = 23.162)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary partition	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Docência Instituição	Docência-Privada	9.97	74.60	24.26	71.21	0.0000	9.091	47	66
Cargo Politico - Cargo	ServiçoPúblico-Importância...	7.96	53.97	17.28	72.34	0.0000	6.22	34	47
Sector privado - dono	Dono/Consultoria+	5.02	84.13	56.99	34.19	0.0000	48.804	53	155
Sector Privado	SectorPrivado+	4.84	88.89	63.97	32.18	0.0000	56.459	56	174
Imprensa - Repórter/Apresentador/Cargo de chefia	Imprensa-	2.46	96.83	87.87	25.52	0.0069	85.167	61	239
Imprensa - Repórter/Apresentador/Cargo de chefia	Imprensa+	-2.46	3.17	12.13	6.06	0.0069	14.833	2	33
Sector Privado	SectorPrivado-	-4.84	11.11	36.03	7.14	0.0000	43.541	7	98
Sector privado - dono	Dono/Consultoria-	-5.02	15.87	43.01	8.55	0.0000	51.196	10	117
Cargo Politico - Cargo	ServiçoPúblico-	-5.78	33.33	65.07	11.86	0.0000	74.641	21	177
Docência Instituição	Docência-	-8.29	12.70	57.72	5.10	0.0000	71.292	8	157

Elaboração própria, com auxílio da ferramenta SPAD.

Quadro 2
Modalidades suplementares sobre-representadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 2.

Characterization by the categories of supplementary categorical variables
 Of the partition - Partition in 4 clusters - Cluster 1/4 (Count = 63 Percentage = 23.162)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary partition	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Pós - Nível	Doutorado	2.93	58.73	41.91	32.46	0.0017	36.842	37	114
Grad - Área	Grad-EcoAdm	2.60	49.21	34.56	32.98	0.0046	30.144	31	94
Grad - Área	Grad-Comunicação/Jornalismo	-2.36	1.59	9.19	4	0.0092	11.483	1	25
Grad - Área	Missing	-2.44	0	6.62	0	0.0073	8.612	0	18
Grad-Tipo de Instituição	Missing	-2.92	0	8.46	0	0.0017	11.005	0	23
Pós - Nível	Pós-graduação-	-3.28	4.76	18.38	6	0.0005	22.488	3	50
Pós - Instituição	Pós-graduação-	-3.28	4.76	18.38	6	0.0005	22.488	3	50

Elaboração própria, com auxílio da ferramenta SPAD.

Assim, predominam nesse conjunto os nomes dominantes econômicos e dominados acadêmicos, aqueles que dependem quase que exclusivamente de suas posições no setor privado. Quanto menos estável é essa posição – ou seja, quanto menores o porte e o impacto das empresas de que são donos ou nas quais tiveram experiência profissional –, mais esses nomes conjugam o trabalho no setor privado com o ativismo pelo empreendedorismo e pelo liberalismo econômico, bem como mais eles valorizam seus vínculos com o Imil.

Para citar alguns exemplos, Cauê Bocchi é advogado formado pela FGV e, em seu texto de apresentação no *site* do Imil, cita a experiência de “mais de três anos com logística e infraestrutura, além de ter atuado como advogado especializado em direito empresarial, infraestrutura e *startups*”. Além disso, menciona o fato de ser professor de redação no curso pré-vestibular da FGV de São Paulo assim como *coach* de *startups*. Jovem e com uma carreira ainda no início, ele conjuga sua atividade profissional com a militância política, sendo filiado ao Partido Novo e coordenador do núcleo jovem do partido em São Paulo, tendo se candidatado a vereador da cidade pelo partido. Além disso, atua no movimento Estudantes pela Liberdade (SP) e como articulista do Instituto Liberal – ambos parte da Atlas Network.

Da mesma forma, Anthony Ling, graduado em Arquitetura e Urbanismo na UFRGS, herdeiro de uma *holding company* voltada para a industrialização e a comercialização de não tecidos de polipropileno e criador de *startups*, fundou o grupo Estudantes pela Liberdade, assim como atua no Instituto de Estudos Empresariais – também integrante da rede Atlas. É interessante notar que, neste *cluster*, situam-se também outros herdeiros, como Paula Guedes – filha de Paulo Guedes.

Os professores-burocratas

O *cluster* 3 é composto pelo menor número de pessoas, com 46 nomes (16,91%). São aqueles que conjugam a trajetória acadêmica – materializada nos diplomas de doutorado, sobretudo em universidades públicas, na realização de pós-doutorado e no exercício da docência em instituições de ensino também públicas – com a atuação em cargos na burocracia estatal ligados à assessoria, consultoria ou execução (e menos em postos de decisão). Neste *cluster*, predominam os cientistas sociais e filósofos (como Leôncio Martins Rodrigues, José Álvaro Moisés e Lourdes Sola, por exemplo). Por outro lado, nele são menos frequentes os donos de empresa ou agências de consultoria, os que fizeram carreira no setor privado e também os que possuem maior capital midiático.

Quadro 3
Modalidades ativas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no Cluster 3

Characterization by the categories of categorical variables
 Of the partition - Partition in 4 clusters - Cluster 2/4 (Count = 115 Percentage = 42.279)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary partition	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Docência Instituição	Docência-Pública	10.61	93.04	57.72	68.15	0.0000	31.847	107	157
Sector Privado	SectorPrivado+	8.96	93.04	63.97	61.49	0.0000	42.675	107	174
Sector privado - dono	Dono/Consultoria+	7.93	84.35	56.99	62.58	0.0000	36.943	97	155
Cargo Politico - Cargo	ServiçoPúblico-	6.02	85.22	65.07	55.37	0.0000	50.318	98	177
Pós-doutorado	Pós-doutorado-	5.94	100	87.50	48.32	0.0000	76.344	115	238
Imprensa - Coluna	Colunista-	5.19	87.83	71.32	52.06	0.0000	59.236	101	194
Docência Instituição	Docência-Pública	-4.07	6.96	18.01	16.33	0.0000	26.115	8	49
Imprensa - Coluna	Colunista+	-5.19	12.17	28.68	17.95	0.0000	40.764	14	78
Pós-doutorado	Pós-doutorado+	-5.94	0	12.50	0	0.0000	21.656	0	34
Cargo Politico - Cargo	ServiçoPúblico-Importância...	-6.71	0.87	17.28	2.13	0.0000	29.299	1	47
Sector privado - dono	Dono/Consultoria-	-7.93	15.65	43.01	15.38	0.0000	63.057	18	117
Sector Privado	SectorPrivado-	-8.96	6.96	36.03	8.16	0.0000	57.325	8	98
Docência Instituição	Docência-Privada	-9.01	0	24.26	0	0.0000	42.038	0	66

Fonte: Elaboração própria, com auxílio da ferramenta SPAD.

Quadro 4
Modalidades suplementares sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no cluster 3

Characterization by the categories of supplementary categorical variables
 Of the partition - Partition in 4 clusters - Cluster 2/4 (Count = 115 Percentage = 42.279)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary partition	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Pós - Nível	Especialização	4.05	31.30	19.49	67.92	0.0000	10.828	36	53
Posição no limil	Conselhos	3.76	27.83	17.28	68.09	0.0001	9.554	32	47
Grad- Tipo de Instituição	Missing	2.54	13.91	8.46	69.57	0.0056	4.459	16	23
Grad - Década	Missing	2.15	30.43	23.53	54.69	0.0160	18.471	35	64
Pós- Nível	Pós-graduação-	2.01	24.35	18.38	56	0.0224	14.013	28	50
Pós - Instituição	Pós-graduação-	2.01	24.35	18.38	56	0.0224	14.013	28	50
Pós - Instituição	Missing	1.98	5.22	2.57	85.71	0.0240	0.637	6	7
Pós - Instituição	Pós-Pública	-2.01	19.13	25.74	31.43	0.0224	30.573	22	70
Grad - Década	Grad-1940-1960	-2.07	6.09	11.03	23.33	0.0191	14.65	7	30
Posição no limil	Outra	-2.60	61.74	70.59	36.98	0.0047	77.07	71	192
Pós- Nível	Doutorado	-6.28	20	41.91	20.18	0.0000	57.962	23	114

Fonte: Elaboração própria, com auxílio da ferramenta SPAD.

Neste grupo, estão nomes como Eduardo José Viola e Héctor Ricardo Leis – que assinaram o texto de lançamento do então Instituto de Estudos da Realidade Nacional, mencionado no início deste artigo. O primeiro foi professor do Instituto de Relações Internacionais da UNB entre 1993 e 2018 (quando se aposentou), já tendo obtido bolsa de produtividade do CNPq. Com graduação em sociologia pela Universidade de Buenos Aires, mestrado em sociologia pela Unicamp e doutorado em ciência política pela USP, sua carreira foi construída sobretudo na academia, de modo que na apresentação do *site* do Imil as credenciais destacadas são justamente a experiência como professor visitante em diversas universidades estrangeiras, a orientação de teses e dissertações, a participação em comitês científicos e a publicação de artigos em periódicos acadêmicos. Héctor Ricardo Leis foi professor do departamento de sociologia e ciência política da UFSC, também entre a década de 1990 e 2010, aposentando-se em 2012, e também foi bolsista de produtividade do CNPq. Fez graduação em ciências sociais, mestrado e doutorado em filosofia na PUC do Rio de Janeiro. Não tem sua minibiografia publicada no *site* do Imil, mas consta na lista de fundadores.

Ambos, além da carreira acadêmica, exerceram funções de assessoria em órgãos governamentais, fazendo parte nos dois casos de comitês do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (Viola, de 2001 a 2006; Leis, em 1999) e do Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal (Viola, em 2011; Leis, em 1999).

Os acadêmicos do Imil, ainda que tenham constituído suas carreiras sobretudo nas universidades públicas, alguns sendo até mesmo pesquisadores com relativo nível de publicação, mesclam suas atuações com cargos ou experiências no serviço público, fazendo, portanto, parte da burocracia estatal, seja em nível federal, estadual ou municipal – por isso, foram nomeados como professores-burocratas.

Os jornalistas

O grupo dos jornalistas (*cluster 4*) é o que tem a segunda menor quantidade de integrantes (48 nomes e 17,64%). As características que predominam entre eles são, por um lado, as trajetórias em canais de rádio e televisão e na imprensa brasileira, assim como a posse de colunas periódicas em jornais da grande imprensa; por outro, a ausência de capitais acadêmicos, políticos e econômicos – ou seja, são os que não detêm diplomas de prestígio, não ocuparam cargos políticos importantes, nem são proprietários de empresas ou agências de consultoria. Embora dominados desse ponto de vista, esses nomes contribuem para a visibilidade dos interesses e princípios do Millenium e seus integrantes – ainda que não escrevam em nome deles.

Quadro 5
Modalidades ativas sobre-representadas (azul) e sub-representadas (laranja) no cluster 4

Characterization by the categories of categorical variables
 Of the partition - Partition in 4 clusters - Cluster 3/4 (Count = 46 Percentage = 16.912)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary partition	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Pós-doutorado	Pós-doutorado+	8.29	56.52	12.50	76.47	0.0000	3.54	26	34
Sector privado - dono	Dono/Consultoria-	8.21	95.65	43.01	37.61	0.0000	32.301	44	117
Sector Privado	SectorPrivado-	8.10	89.13	36.03	41.84	0.0000	25.221	41	98
Docência Instituição	Docência-Pública	6.90	58.70	18.01	55.10	0.0000	9.735	27	49
Cargo Político - Cargo	ServiçoPúblico-Importância+	5.17	47.83	17.65	45.83	0.0000	11.504	22	48
Imprensa - Repórter/Apresentador/Cargo de chefia	Imprensa-	2.24	97.83	87.87	18.83	0.0127	85.841	45	239
Imprensa - Repórter/Apresentador/Cargo de chefia	Imprensa+	-2.24	2.17	12.13	3.03	0.0127	14.159	1	33
Cargo Político - Cargo	ServiçoPúblico-	-4.13	36.96	63.07	9.60	0.0000	70.796	17	177
Docência Instituição	Docência-	-5.29	21.74	57.72	6.37	0.0000	65.044	10	157
Sector Privado	SectorPrivado+	-8.10	10.87	63.97	2.87	0.0000	74.779	5	174
Sector privado - dono	Dono/Consultoria+	-8.21	4.35	56.99	1.29	0.0000	67.699	2	155
Pós-doutorado	Pós-doutorado-	-8.29	43.48	87.50	8.40	0.0000	96.46	20	238

Fonte: Elaboração própria, com auxílio da ferramenta SPAD.

Quadro 6
Modalidades suplementares sobre-representadas (azul) e sub-representadas (laranja) no cluster 4

Characterization by the categories of supplementary categorical variables
 Of the partition - Partition in 4 clusters - Cluster 3/4 (Count = 46 Percentage = 16.912)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary partition	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Pós - Nível	Doutorado	5.69	80.43	41.91	32.46	0.0000	34.071	37	114
Pós - Instituição	Pós-Pública	3.76	50	25.74	32.86	0.0001	20.796	23	70
Grad-Tipo de Instituição	Grad-Pública	3.50	73.91	49.63	25.19	0.0002	44.69	34	135
Grad - Área	Grad-Sociais	2.16	26.09	14.34	30.77	0.0155	11.947	12	39
Grad - Década	Missing	-2.13	10.87	23.53	7.81	0.0167	26.106	5	64
Grad - Área	Grad-Comunicação/Jornalismo	-2.42	0	9.19	0	0.0077	11.062	0	25
Grad-Tipo de Instituição	Grad-Privada	-2.66	17.39	34.93	8.42	0.0039	38.496	8	95
Pós - Nível	Pós-graduação-	-2.74	4.35	18.38	4	0.0031	21.239	2	50
Pós - Instituição	Pós-graduação-	-2.74	4.35	18.38	4	0.0031	21.239	2	50
Pós - Nível	Especialização	-2.92	4.35	19.49	3.77	0.0018	22.566	2	53

Fonte: Elaboração própria, com auxílio da ferramenta SPAD.

Jornalistas relativamente prestigiados – alguns com prêmios de jornalismo, como o Esso –, nomes vinculados ao Grupo Globo, editores, diretores e chefes em redações jornalísticas, escritores de livros e colunistas semanais – quando não diários –, é possível conjecturar que os integrantes desse *cluster* atuam – ainda que indiretamente – como ponte para que outros membros do Imil ganhem espaço em reportagens, entrevistas, programas de debate e artigos opinativos. Com as evidências levantadas, não é possível afirmar em que medida essa atuação é direta e intencional. De todo modo, a seleção de nomes feita pelo Imil, assim como o contato que ele possibilita por meio de seminários e palestras contribuem para a formação de uma rede de contatos e diálogos. Desse grupo, fazem parte jornalistas como José Nêumanne Pinto e Guilherme Fiuza. Também nele estão Fernando Gabeira, Merval Pereira e Carlos Alberto Sardenberg – nomes que fizeram carreira na Rede Globo e que detêm relativo prestígio diante dos pares. Vale lembrar que uma das fundadoras do Imil, Patrícia Carlos de Andrade (localizada no *cluster* 2), é filha do jornalista Evandro Carlos de Andrade, que foi diretor de redação de *O Globo* (1971-1995) e da Central Globo de Jornalismo (1995-2001). Outro nome que aparece nesse grupo é o de João Roberto Marinho, herdeiro do Grupo Globo. Além disso, há, entre eles, algumas poucas pessoas ligadas também ao campo cultural, como o cineasta José Padilha e o compositor e produtor musical Nelson Motta.

É interessante notar que a maior parte dos jornalistas e comunicadores apontados no *site* do Imil é, em alguma medida, ligada ao mundo econômico, seja porque, ao longo da carreira, cobriu esse setor, porque ocupou cargos de chefia dentro das empresas (aproximando-se dos setores mais administrativos do jornalismo), porque investiu em empresas de comunicação corporativa, ou ainda porque fez especializações em comunicação empresarial, gestão ou empreendedorismo.

A elite econômica e política

Por fim, o *cluster* 1 reúne os mais dominantes entre os nomes com os quais o Imil mantém interlocução. Com 63 pessoas (23,16%), nele estão os que ocuparam os mais altos postos do Estado, ao mesmo tempo que são donos de empresas, seguradoras, financeiras e agências de consultoria. Os capitais acadêmicos – materializados nos diplomas de doutorado, sobretudo em economia e administração, obtidos em instituições de prestígio, como as universidades públicas e internacionais, bem como o exercício da docência – convertem-se em trunfos necessários para a ocupação de cargos no alto escalão de governos e empresas públicas.

Quadro 7
Modalidades ativas sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no cluster 1

Characterization by the categories of categorical variables
 Of the partition - Partition in 4 clusters - Cluster 4/4 (Count = 48 Percentage = 17.647)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary partition	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Sector privado - dono	Dono/Consultoria-	8.03	93.75	43.01	38.46	0.0000	32.143	45	117
Sector Privado	SectorPrivado-	8.03	87.50	36.03	42.86	0.0000	25	42	98
Imprensa - Repórter/Apresentador/Cargo de chefia	Imprensa+	6.27	43.75	12.13	63.64	0.0000	5.357	21	33
Imprensa - Coluna	Colunista+	5.29	62.50	28.68	38.46	0.0000	21.429	30	78
Cargo Político - Cargo	ServiçoPúblico-	3.24	85.42	65.07	23.16	0.0006	60.714	41	177
Pós-doutorado	Pós-doutorado-	2.41	97.92	87.50	19.75	0.0080	85.268	47	238
Pós-doutorado	Pós-doutorado+	-2.41	2.08	12.50	2.94	0.0080	14.732	1	34
Cargo Político - Cargo	ServiçoPúblico-Importância+	-2.74	4.17	17.65	4.17	0.0031	20.536	2	48
Imprensa - Coluna	Colunista-	-5.29	37.50	71.32	9.28	0.0000	78.571	18	194
Imprensa - Repórter/Apresentador/Cargo de chefia	Imprensa-	-6.27	56.25	87.87	11.30	0.0000	94.643	27	239
Sector privado - dono	Dono/Consultoria+	-8.03	6.25	56.99	1.94	0.0000	67.857	3	155
Sector Privado	SectorPrivado+	-8.03	12.50	63.97	3.45	0.0000	75	6	174

Elaboração própria, com auxílio da ferramenta SPAD.

Quadro 8
Modalidades suplementares sobrerrepresentadas (azul) e sub-representadas (laranja) no cluster 1

Characterization by the categories of supplementary categorical variables
 Of the partition - Partition in 4 clusters - Cluster 4/4 (Count = 48 Percentage = 17.647)

Variable label	Characteristic category	Test-value	% of category in group	% of category in set	% of group in category	Probability	% of modality in complementary partition	Count of the modality in the partition	Count of the modality in the sample
Grad - Área	Grad-Comunicação/Jornalismo	5.31	33.33	9.19	64	0.0000	4.018	16	25
Grad - Década	Grad-	4.05	14.58	2.94	87.50	0.0000	0.446	7	8
Grad-Tipo de Instituição	Grad-	4.05	14.58	2.94	87.50	0.0000	0.446	7	8
Pós - Nível	Pós-graduação-	2.98	35.42	18.38	34	0.0014	14.732	17	50
Pós - Instituição	Pós-graduação-	2.98	35.42	18.38	34	0.0014	14.732	17	50
Grad - Área	Grad-Exatas	-2.01	4.17	13.60	5.41	0.0223	15.625	2	37
Grad-Tipo de Instituição	Grad-Pública	-2.34	33.33	49.63	11.85	0.0096	53.125	16	135

Elaboração própria, com auxílio da ferramenta SPAD.

Nesse *cluster* localizam-se, por exemplo, Simon Schwartzman, Armínio Fraga, Alexandre Schwartzman, Henrique Meirelles e Pedro Malan. Nomes como Gustavo Franco e Paulo Guedes – que participaram da fundação do Imil – ocuparam ou ocupam os mais altos postos no país: o primeiro foi secretário adjunto de Política Econômica do Ministério da Fazenda, entre 1993 e 1999 (sendo um dos formuladores do Plano Real), presidente do Banco Central do Brasil e chegou a ser cotado para presidir o Conselho do BNDES em 2019; Guedes é o atual ministro da Economia do país. Ambos participaram ativamente das últimas campanhas presidenciais – Gustavo Franco na campanha de João Amoêdo do Partido Novo, e Paulo Guedes na campanha de Jair Bolsonaro do Partido Social Liberal (PSL). Assim, ainda que se afirme como uma entidade sem vinculação político-partidária, o Millenium se aproxima ideologicamente e é composto por nomes que se vinculam a partidos considerados de centro-direita, direita e extrema-direita.

Os diplomas de prestígio e os altos cargos políticos se combinam ainda com a atuação no sistema financeiro. Com suas *expertises* em investimentos financeiros, esses nomes oferecem previsões do chamado “mercado” e ditam, a partir desses interesses, as soluções necessárias para o país. Gustavo Franco fundou a Rio Bravo Investimentos, que, em agosto de 2019, geria mais de R\$ 13 bilhões¹⁵. Já o atual ministro da Economia foi um dos fundadores do Banco Pactual (que tinha, no mesmo período, mais de R\$ 200 bilhões sob gestão¹⁶), da Bozano Investimentos e da gestora de recursos JGP Nextar Fund, além de ter criado o Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC – voltado para pesquisas sobre o mercado financeiro).

A passagem por bancos, como BNDES, Banco Central¹⁷, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Banco Mundial, também é frequente entre os membros desse grupo. Nele estão, portanto, os nomes que disputam e participam das definições econômicas do país. São agentes que atuam influenciando decisões, bem como tomando-as. Embora alguns tenham ocupado cargos de importância apenas no nível estadual ou municipal, o que predomina nesse grupo é a passagem pelos postos da administração e de empresas federais. Como Hey afirma:

Economistas e executivos das finanças constituem bons exemplos da junção de uma série de recursos sociais, profissionais e simbólicos provenientes da posse de alto capital acadêmico

15. Informação presente no texto de apresentação da empresa. Ver: <https://www.riobravo.com.br/Rio-Bravo/Paginas/Apresentacao.aspx>, consultado em 10/08/2019.

16. Informação presente no texto de apresentação da empresa. Ver: <https://www.btgpactual.com/quem-somos/visao-geral>, consultado em 10/08/2019.

17. Para estudos sobre as elites que dirigiram o Banco Central, ver: Perissinoto *et al.*, 2017; e sobre o BNDES, ver: Klüger, 2017.

especializado, de relações sociais favoráveis à participação nas esferas dominantes e da aderência a princípios sociais hegemônicos (organização econômica e política), que conferem poder legítimo e o reconhecimento desse poder em vários campos sociais (Hey, 2017).

Considerações finais

A análise do perfil social dos agentes com os quais o Millenium estabelece conexões aponta as linhas de força que contribuem para a construção da legitimidade do instituto, assim como os espaços de atuação visados: a mídia, a academia, o mercado e o Estado. O Imil valoriza a conexão entre “intelectuais e empresários” (Andrade, Viola & Leis, 2005), sendo esses últimos maioria nos conselhos internos e, também, entre os nomes elencados em seu *site*. Além deles, a importância dos jornalistas e, principalmente, dos agentes do Estado é significativa: são esses nomes conhecidos publicamente que importam para a construção de visibilidade, credibilidade e até mesmo legitimidade. Mais do que isso, os agentes do Estado que compõem uma elite acadêmica, política e econômica – caracterizados pela multiposicionalidade, caráter verificado em membros da elite, como apontam estudos ligados à sociologia das elites (Boltanski, 1973; Reis; Grill, 2017; Hey, 2017) – são os principais influenciadores e tomadores de decisão.

Nesse sentido, a retórica antiestatal do Imil se contradiz com as relações que busca engendrar. Assim, o discurso recorrente de oposição ao Estado mascara as disputas objetivas que visam justamente à ocupação de cargos em seu interior, ao controle de suas ações e até mesmo à apropriação privada de seus potenciais benefícios.

[...] um dos princípios unificadores do campo do poder é que as pessoas que dele fazem parte lutam pelo poder sobre o Estado, por esse capital que dá poder sobre a conservação e a reprodução das diferentes espécies de capital (Bourdieu, 2014, p. 267).

A retórica do “Estado mínimo” (Andrade, Viola & Leis, 2005), na prática, diz respeito à minimização da ação do Estado em proveito da maioria da população, mas não em benefício dos dominantes:

Todos os nossos discursos sobre o liberalismo são de grande ingenuidade, e o interesse do estudo do Estado é justamente mostrar a que ponto as sociedades diferenciadas são penetradas de um extremo a outro pela lógica estatal. [...] O paradoxo de muitas estratégias políticas atuais, que reivindicam, por exemplo, ser do liberalismo, é que são estratégias que visam garantir aos dominantes os proveitos do liberalismo, os proveitos da liberdade, e os proveitos da dependência estatal... (*Idem*, p. 401).

Buscando disfarçar suas ligações políticas – haja vista a supressão de dados sobre as ligações partidárias, como a participação em campanhas eleitorais (exceto no caso do Partido Novo, cuja vinculação é valorizada) –, exalta-se o caráter técnico dos cargos federais ocupados, combinando a apresentação desses às mais variadas credenciais acadêmicas. A política, portanto, ainda que fortemente presente, é disfarçada em prol de uma retórica do apartidarismo.

Como é possível conjecturar a partir dos excertos de entrevistas citados no início deste artigo, o Imil também atua em alguma medida como mediador entre especialistas e imprensa, universidade ou outros públicos. A importância de tal mediação, é plausível supor, aumenta quanto menos credenciais os membros apresentam, tornando-se, portanto, mais dependentes do relativo prestígio do instituto. Enquanto isso, para os mais prestigiados, tal vínculo se torna menos importante e, em alguns casos, até mesmo comprometedor – já que os aproxima de figuras com posições no espaço social e tomadas de posição menos legitimadas. Se, em alguns momentos, os mais dotados de capitais marcam distância em relação ao instituto, em outros, servem-se das conexões ali estabelecidas, identificam-se com os nomes de prestígio e de elevado capital social que sustentam a relativa legitimidade do Imil e difundem ideias defendidas pelo *think tank*. Para os mais prestigiosos, portanto, o cálculo em termos de ganhos e perdas simbólicos é feito a cada momento, seja para se afastar, seja para se aproximar do Millenium.

Isso demonstra também que, apesar de ser apontado como uma instituição relevante para a organização de uma nova direita e de fato atuar nesse sentido (Alexandre, 2017; Rocha, 2015; Meirelles; Fernandes, 2019; Meirelles, Chiaramonte, 2018; Messemberg, 2017; Chaloub; Perlatto, 2015), bem como ser bem ranqueado em algumas pesquisas como o *2018 Global Go To Think Tank Index Report*¹⁸, o Millenium ainda não ocupa um espaço de consagração no campo do poder – ao contrário de outros *think tanks*, como a FGV, por exemplo (Loureiro, 1997). A negação do vínculo por parte de alguns *experts* demonstra como a posição do Millenium ainda é frágil e como ele se coloca em disputa pela própria sobrevivência e pela conquista de certo poder e legitimidade.

Por outro lado, são essas relações que ele estabelece com pessoas de credenciais sociais diversas, mas que possuem a defesa do liberalismo como ponto em comum – ainda que com diferentes matizes de pensamento dentro desse liberalismo –, assim

18. O Millenium ocupa a 34ª posição entre os cinquenta principais *think tanks* da América Latina, neste *ranking*, que é elaborado pelo *Think Tanks and Civil Societies Program* da Universidade da Pennsylvania e que tem sido citado em diferentes pesquisas sobre *think tanks* (Rocha, 2015; Hey, 2018; Antunes, 2019). Ver o *ranking* em: https://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1017&context=think_tanks, consultado em 8/1/2020.

como com outras instituições – haja vista sua presença no *ranking* citado acima e na *Atlas Network* –, que vão contribuindo para a formação de capital social e, conseqüentemente, de certo poder de influência. Sua legitimidade, nesse sentido, se concentra, sobretudo, na rede de contatos e relações que consegue estabelecer, ainda que de maneira frágil. Essa rede age ainda no sentido de mascarar a própria escassez de credenciais do Millenium, produzindo a crença de que ele é mais central do que a análise detida deixa concluir.

Assim, entre a valorização de credenciais advindas de espaços com os quais estabelece em alguma medida uma concorrência, como as universidades públicas (Carlotto, 2018), e a tentativa de engendrar formas próprias de credenciamento – haja vista a utilização do rótulo “especialista do Instituto Millenium” por alguns de seus nomes –, o Imil intenta garantir o cumprimento de seus objetivos: manter-se financeiramente, ser reconhecido como um propositor de agendas (atuação ainda incipiente) e assegurar atenção suficiente da mídia para suas ideias. É para atender a essas demandas que se organizam as atividades do instituto. Como observa Medvetz (2012) para o caso norte-americano – o que se aplica, também, ao Millenium –, levando em conta essas finalidades, é difícil que os produtos veiculados pelos *think tanks* desafiem as prescrições políticas e os interesses daqueles que os financiam, sejam eles agentes do mercado, da política ou da mídia. Além disso, a atuação dos *think tanks* no cenário nacional tem conseqüências para a mídia e para a imprensa, uma vez que, ao ocuparem uma posição intermediária entre os campos da produção política, intelectual, econômica e midiática, eles participam cada vez mais da circulação de conhecimento e de pessoal especializado entre essas esferas (*Ibidem*).

ANEXO

A construção dos indicadores

Para a realização da ACM, foram construídas variáveis referentes a cinco principais rubricas: 1) capital acadêmico; 2) posições na acadêmica; 3) posições no setor privado; 4) posições no Estado; 5) posições na mídia. Buscamos equilibrar o número de variáveis ativas por rubrica, assim como o número de modalidades ativas por variável. Além disso, agrupamos variáveis com frequências inferiores a 5%, seguindo, portanto, as convenções estatísticas estabelecidas (Le Roux & Rouanet, 2010). As variáveis e modalidades empregadas foram:

Capitais acadêmicos: considerando a graduação e a última formação. Vale ressaltar que, no caso de duas graduações, levou-se em conta a primeira; quando a pessoa tinha duas pós-graduações, observou-se a de maior grau – não sendo possível fazê-lo, se de

mesmo nível, optou-se por aquelas mais significativas sociologicamente, adotando-se para cada variável o critério explicitado a seguir. Devido ao potencial explicativo das variáveis de capital acadêmico, elas foram inseridas como suplementares.

Década de conclusão da graduação: a) Grad-1940-1960, décadas consideradas conjuntamente devido à frequência reduzida; b) Grad-1970; c) Grad-1980; d) Grad-1990; e) Grad-2000-2010, referente às décadas de 2000 e 2010, que também apresentaram baixa frequência.

Área de estudo da graduação: a) Grad-Direito; b) Grad-EcoAdm, incluindo graduações em economia, administração, contabilidade e comércio exterior; c) Grad-Exatas, incluindo graduações em engenharias, física, química, agronomia, ciências da computação, arquitetura e medicina (apenas uma pessoa tinha graduação em arquitetura, e duas em medicina. Assim, embora a classificação desses dois cursos como Exatas não seja óbvia, o número reduzido de casos não interfere significativamente nos resultados); d) Grad-Sociais, incluindo filosofia, história, sociologia, letras, ciência política, relações internacionais, psicologia, pedagogia; e) Grad-Comunicação/Jornalismo, incluindo os que se graduaram em comunicação, marketing e artes cênicas (apenas uma pessoa) e também os jornalistas sem formação (os jornalistas sem formação apresentam uma frequência inferior a 5%; por isso, foram agrupados na categoria Grad-Comunicação/Jornalismo, sem com isso gerar problemas interpretativos).

Tipo de instituição de graduação: a) Grad-Pública, referente aos que cursaram a graduação em instituições públicas de ensino superior – estaduais ou federais; b) Grad-Privada, indicando os que se graduaram em instituições privadas de ensino superior; c) Grad-Internacional, para os que fizeram a faculdade no exterior; d) Grad-

Grau/Nível de pós-graduação: a) Pós-graduação-; b) Especialização, incluindo as pessoas que cursaram especialização ou MBA; c) Mestrado, composta pelos mestres; d) Doutorado, para os que têm doutorado.

Tipo de instituição de pós-graduação: a) Pós-Pública, para os que completaram o último grau de pós-graduação em uma instituição pública; b) Pós-Privada, para os que completaram o último grau de pós-graduação em uma instituição privada; c) Pós-Internacional, para os que completaram o último grau de pós-graduação em instituições do exterior; d) Pós-graduação-.

Posições na academia: considerando a realização ou não de pós-doutorado e o exercício da docência). Há que se destacar que só foram considerados como docentes aqueles que de fato ocupam cargos nas universidades (como titulares, adjuntos, associados, sendo descartados os professores visitantes, convidados e horistas).

Tipo de instituição em que se exerce a docência em Ensino Superior: a) Docência-; b) Docência-Pública, referente aos professores de instituição pública de ensino

superior; c) Docência-Privada, composta pelos docentes de instituição privada de ensino superior. No caso em que a mesma pessoa exerceu a docência em mais de uma universidade, foi considerada aquela em que se passou mais tempo. Quando o período foi similar, deu-se preferência por contabilizar a docência em universidade pública, que carrega maior prestígio e indica maior pertencimento ao campo acadêmico.

Realização de pós-doutorado: a) Pós-doutorado+; b) Pós-doutorado-.

Posições no setor privado: considerando a experiência no setor privado e a propriedade de empresas.

A experiência no setor privado: a) SetorPrivado-; b) SetorPrivado+. Não foram consideradas aqui as experiências em empresas de jornalismo, nem em instituições de ensino superior privadas. Nessa variável, constam tanto os funcionários quanto os proprietários.

A propriedade de empresas: a) Dono-; b) Dono+: compõem essa variável os donos de grandes empresas, *startups*, pequenos negócios, agências de consultoria e escritórios de advocacia.

Posições no Estado: correspondendo à ocupação de cargos no serviço público ou não (sendo eles por meio de concurso ou indicação política, embora a maioria seja através dessa última) e seu nível de importância.

Nível de importância do cargo: a) Serviço Público-; b) Serviço Público-Importância+, para aqueles que ocupam ou ocuparam cargos de assessoria, consultoria ou postos de execução; c) Serviço Público-Importância++, para os que ocuparam cargos decisórios, como secretários, ministros, presidentes, vice-presidentes, diretores-executivos etc.

Posições na mídia: auferida pela posse de coluna periódica em jornais e revistas da grande imprensa (foram consideradas apenas as colunas em grandes veículos, assim como aquelas que são periódicas), pela trajetória na imprensa ou em canais de rádio e televisão (em cargos de repórter, editor, chefe de redação e diretor).

Coluna: a) Colunista+: para aqueles que atuam ou atuaram como colunistas de jornais e revistas do país ou comentaristas de canais de rádio e televisão; b) Colunista-: para aqueles que não tiveram tais vínculos identificados.

Trajectoria na Imprensa: a) Imprensa+: para aqueles que fizeram carreira na imprensa e atuaram ou atuam como repórteres em veículos da imprensa ou ainda em canais de rádio e televisão; b) Imprensa-: para aqueles que não tiveram tais vínculos identificados.

Referências Bibliográficas

- ALEXANDRE, Thiago. (2017), *O Instituto Millenium e os intelectuais da “nova direita” no Brasil*. Juiz de Fora, 114 f., dissertação de mestrado, Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora.
- ANDRADE, Patrícia Carlos de; VIOLA, Eduardo & LEIS, Héctor Ricardo. (13 abr. 2005), “Revolucionando a agenda política”. *O Estado de S. Paulo*.
- ANTUNES, Camila. (2019), “*Think tanks* brasileiros: Características, dinâmicas e intervenções no campo do poder”. Sociedade Brasileira de Sociologia, SBS, 19. *Anais Eletrônicos...* Florianópolis, SBS, 9 a 12 jul. 2019. Disponível em http://www.sbs2019.sbsociologia.com.br/atividade/view?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czoNToiYToxOntzOjEyOjJRF9BVElWSURBREUio3M6MjoiNDEiO30iO3M6MToiaCI7czoMjoiNjc3NDg0NmYzZjFiMWQ3NWY0OTY5MzM2OGFIMDgyYmEiO30%3D&ID_ATIVIDADE=41, consultado em 10/1/2020.
- BERTONCELO, Edison. (2016), “O uso da Análise de Correspondências Múltiplas nas Ciências Sociais: possibilidades de aplicação e exemplos empíricos”. ANPOCS, 40. *Anais Eletrônicos...* Caxambu, ANPOCS. Disponível em <https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st16-7/10296-o-uso-da-analise-de-correspondencias-multiplas-nas-ciencias-sociais-possibilidades-de-aplicacao-e-exemplos-empiricos/file>, consultado em 23/01/2020.
- BOLTANSKI, Luc. (1973), “L’espace positionnel: multiplicité des positions institutionnelles et habitus de classe”. *Revue Française de Sociologie*, 14: 3-26.
- BOURDIEU, Pierre. (2008), *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo, Edusp.
- BOURDIEU, Pierre. (2014), *Sobre o Estado*. São Paulo, Companhia das Letras.
- CARLOTTO, Maria Caraméz. (2018), “Inevitável e imprevisível, o fortalecimento da direita para além da dicotomia ação e estrutura: o espaço internacional como fonte de legitimação dos *think tanks* latino-americanos”. *Plural*, 25: 63-91.
- CHALOUB, Jorge & PERLATTO, Fernando. (2015), “Intelectuais da ‘nova direita’ brasileira: ideias, retórica e prática política”. ANPOCS, 39. *Anais Eletrônicos...* Caxambu, ANPOCS. Disponível em http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=9620&Itemid=461, consultado em 10/06/2019.
- COHERIS-SPAD. *Data miner guide – Clustering – typologies*. France, 2018.
- DUVAL, Julien. (2005), *Economic journalism in France*. Cambridge, Polity Press.
- FANG, Lee. (2017), “Esfera de influência: como os libertários americanos estão reinventando a política latino-americana”. *The Intercept Brasil*. Disponível em <https://theintercept.com/2017/08/11/esfera-de-influencia-como-os-libertarios-americanos-estao-reinventando-a-politica-latino-americana/>, consultado em 23/01/2020.
- FLORES, Paulo. (2017), “O que são *think tanks*. E como eles influenciam a política”. *Nexo*.

- Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/12/01/O-que-são-think-tanks.-E-como-eles-influenciam-a-política>, consultado em 23/01/2020.
- HEY, Ana Paula. (dez. 2017), “Elites, no plural”. *Tempo Social*, São Paulo, 29 (3): 1-8. Disponível em <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.126527>.
- HEY, Ana Paula. (2018), “*Think tanks* e Estado: o papel dos ‘acadêmicos’”. *Anpocs*, 42. *Anais Eletrônicos...* Caxambu, ANPOCS. Disponível em <https://www.anpocs.com/index.php/papers/40-encontro-3/gt-31/gt10-25/11191-think-tanks-e-estado-o-papel-dos-academicos/file>, consultado em 22/01/2019.
- HITNER, Verena & CARLOTTO, Maria Caraméz. (2017), “A cooperação técnica brasileira e a busca pela inserção na ‘sociedade do conhecimento’: da subordinação Norte-Sul à aliança estratégia Sul-Sul?”. *Revista Tempo do Mundo*, 3, 2: 137-161.
- IMIL. (2019), “Você sabe exatamente o que faz o Imil?” Disponível em https://www.institutomillennium.org.br/destaque/voce-sabe-exatamente-o-que-faz-o-imil-2/?fbclid=IwAR1xgxMUGwp5kB-YgHxq2w1GZ77Z2Kf9ME_sXD5MMqSSN8o-ZpV4TjpaN5A, consultado em 21/01/2020.
- KLÜGER, Elisa. (out. 2018), “Análise de correspondências múltiplas: fundamentos, elaboração e interpretação”. *BIB*, 86: 68-97.
- LE ROUX, Brigitte & ROUANET, Henry. (2010), *Multiple correspondence analysis*. Londres, Sage.
- LOUREIRO, Maria Rita. (1997), *Os economistas no governo: gestão econômica e democracia*. Rio de Janeiro, FGV.
- McGANN, James G. (2019), “2018 Global Go To Think Tank Index Report”. Pennsylvania, *ITCSP Global Go To Think Tank Index Reports*. 16.
- MEDVETZ, Thomas. (2012), *Think tanks in America*. Chicago, The University of Chicago Press.
- MEIRELES, Allana & CHIARAMONTE, Aline. (2018), “Os intelectuais midiáticos no debate sobre as reformas no Brasil”. *Anais Eletrônicos...* Caxambu, ANPOCS. Disponível em <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/42-encontro-anual-da-anpocs/spg-5/spg21-5/11492-os-intelectuais-midiaticos-no-debate-sobre-as-reformas-no-brasil?format=html&path=42-encontro-anual-da-anpocs/spg-5/spg21-5>, consultado em 10/01/2019.
- MEIRELLES, Allana & FERNANDES, Dmitri. (2019), “A direita mora do mesmo lado da cidade: Especialistas, polemistas e jornalistas”. *Novos Estudos: Cebrap*, 38, 1: 157-182.
- MESSENBURG, Debora. (2017), “A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros”. *Revista Sociedade e Estado*, 32, 3: 621-647.
- MICHETTI, Miqueli. (2018), “A atuação de elites empresariais na definição dos rumos da educação pública no Brasil contemporâneo”. *ANPOCS*, 42. *Anais Eletrônicos...* Caxambu, ANPOCS. Disponível em <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/42-encontro-anual-da-anpocs/gt-31/gt10-25>, consultado em 10/01/2019.
- PAUTZ, Hartwig. (2012), *Think tanks, social democracy and social polity*. Londres, Palgrave Macmillan.

- PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. (2011), “Intelectuais: perfil de grupo e esboço de definição”. In: BOTELHO, A. & SCHWARCZ, L. M. (orgs.). *Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança*. São Paulo, Companhia das Letras.
- PINTO, Louis. (2009), *Le café du commerce des penseurs: à propos de la doxa intellectuelle*. Broissieux, Éditions du Croquant.
- REIS; Eliana & GRILL, Igor. (2017), “Estudos de elites políticas e as bases das multinotabilidades no Brasil”. *Tempo Social*, 29, 3: 137-159. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702017000300137&lng=en&nrm=iso.
- ROCHA, Camila. (2015), “Direitas em rede: *think tanks* de direita na América Latina”. In: CRUZ, S. V. et al. (org.). *Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo.
- SAPIRO, Gisèle. (2009), “Modèles d’intervention politique des intellectuels. Le cas français”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 176-177: 8-31.
- SILVEIRA, Luciana. (2013), *Fabricação de ideias, produção de consenso: estudo de caso do Instituto Millenium*. Campinas, 242 p., dissertação de mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.
- THINK TANKS..., “History and mission”. *Think tanks and civil society program*. Disponível em <https://www.gotothinktank.com/history-and-mission>, consultado em 23/01/2020.

Resumo

O Instituto Millenium na busca por poder

Propomos analisar como o Instituto Millenium busca estabelecer a sua legitimidade e, consequentemente, desenhar sua posição no campo do poder. Para isso, partimos da investigação do perfil social dos mais de 250 nomes elencados em seu *site*. Iniciamos o texto com uma análise da retórica difundida pelo Imil no momento de sua fundação, sublinhando em quais lutas ele investe; passamos para o exame das posições ocupadas por esses agentes por meio de uma Análise de Correspondências Múltiplas; em seguida, com a Análise de Cluster, traçamos os quatro grupos principais com os quais o Imil entabula relações. Concluímos que este *think tank* ainda ocupa uma posição frágil no campo do poder, buscando conquistar sua legitimidade por meio da mediação de uma rede de relações composta por jornalistas, empresários, intelectuais e agentes com postos na burocracia estatal, constituintes de uma elite que atua em diversos espaços sociais. Palavras-chave: *Think tanks*; Instituto Millenium; Campo do poder.

Abstract

The Millennium Institute in the search for power

We propose to analyze how the Millennium Institute seeks to establish its legitimacy, and, consequently, to delineate its position in the field of power. For this, we start from the investigation of the social profile of the more than 250 names listed on your website. We start with an analysis of the rhetoric spread by Imil at the time of its foundation, highlighting in which struggles the think tank invests; we examine the positions occupied by these agents by performing a Multiple Correspondence Analysis; then, with the Cluster Analysis we trace the four main groups with which Imil establishes its relationships. We conclude that this think tank still occupies a fragile position in the field of power, seeking to conquer its legitimacy by the mediation of a network of relations composed of journalists, businessmen, intellectuals and agents with state positions, constituents of an elite that operates in several social spaces.

Keywords: *Think tanks*; Instituto Millenium; Field of power.

Texto recebido em 23/1/2020 e aprovado em 16/9/2020.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2021.165937.

ALLANA MEIRELLES VIEIRA é doutoranda em Sociologia pela Universidade de São Paulo em co-tutela com a École des Hautes Études en Sciences Sociales. E-mail: allanameirelles@hotmail.com.

ALINE RODRIGUES CHIARAMONTE é doutoranda em Sociologia pela Universidade de São Paulo. E-mail: aline.chiaramonte@gmail.com.

